
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

O LABIRÍNTICO CAMINHO NOS ARQUIVOS DE UM AUTOR SILENCIADO: TULIO CARELLA E SUA ORGIA EM UM ROTEIRO RECIFENSE

Moacir Japearson Albuquerque Mendonça¹ (UFAL/CAPES)
e Susana Souto Silva² (UFAL)

RESUMO: O arquivo, como caminho possível de uma pesquisa literária, apresenta diversas possibilidades. E assim se deu com a nossa pesquisa sobre o intelectual, escritor, poeta argentino Tulio Carella, que foi convidado a dar aulas na recém-criada Escola de Teatro da Universidade do Recife, atendendo a um chamado de Hermilo Borba Filho. Dessa curta passagem pela cidade, de 1960 a 1961, Tulio Carella produziu duas obras calcadas em sua memória pessoal e também coletiva: *Orgia*, estruturada como romance e com forte teor homoerótico, e *Roteiro Recife*, uma coletânea de poemas, muitos também homoeróticos. Pensando em certa medida nas experiências com arquivos literários (Marques 2015), esse caminho de pesquisa deparou-se com pouca ou quase nenhuma fortuna crítica sobre as duas obras e muito pouco material sobre a passagem do autor por Pernambuco. Dessa forma, este artigo tem como objetivo central mostrar nossa experiência nos arquivos, principalmente os públicos, e relatar um pouco da nossa vivência durante esse processo de pesquisa, ainda inconclusa, apresentando algumas dificuldades inerentes a uma pesquisa desta natureza, as rotas que se apresentaram durante esse percurso, bem como os achados de tais arquivos.³

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo; Memória; Tulio Carella.

THE LABYRINTIC PATH IN THE ARCHIVES OF A SILENCED AUTHOR: TULIO CARELLA AND HIS ORGIA IN A ROTEIRO RECIFENSE

ABSTRACT: The archive, serving as a potential avenue for literary inquiry, offers myriad possibilities. Such was the case with our investigation into the Argentine intellectual, writer, and poet Tulio Carella, who was enlisted by Hermilo Borba Filho to instruct at the nascent Theater School of the University

¹ moaciralbuquerque@hotmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-5270-274X>

² ssoutos@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-7629-1383>

³ Essa relato de pesquisa foi possível graças à bolsa PDSE/CAPES junto à Universidad Nacional de Tres de Febrero (Buenos Aires).



of Recife. During his brief sojourn in the city from 1960 to 1961, Carella produced two works rooted in personal and collective memory: *Orgia*, structured as a novel with pronounced homoerotic undertones, and *Roteiro Recifense*, a collection of poems, many of which also featured homoerotic themes. Navigating this terrain of literary archives, informed in part by experiences documented by Marques (2015), our research encountered scant critical analysis pertaining to Carella's works and limited archival material documenting his time in Pernambuco. Consequently, the primary aim of this article is to elucidate our engagement with archival sources, particularly those within the public domain, and to share insights garnered throughout this ongoing research endeavor. We aim to delineate the challenges inherent to such inquiries, the pathways traversed during our investigation, and the discoveries unearthed within these archives.

KEYWORDS: Archive; Memory; Tulio Carella.

Recebido em 2 de novembro de 2023. Aprovado em 26 de março de 2024.

COMEÇOS DE UMA BUSCA

A pesquisa literária transita por diversas áreas do conhecimento, e a história é uma delas, uma vez que a literatura se faz em um contexto histórico, cultural e social que permeia a produção, a circulação e a recepção literária. Assim se deu com nossa pesquisa sobre Italo Tulio Carella (1912-1979), intelectual argentino, e sua passagem por Recife, no começo dos anos 1960, a convite de Hermilo Borba Filho para dar aulas no recém-criado curso de teatro da Escola de Belas Artes que funcionava na Escola Analítica e Geométrica das Artes (EAGA), da Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco.

Carella registrou em cadernos/diários suas percepções de uma cidade efervescente cultural e politicamente, e também a memória dos seus encontros com os homens, em especial os negros, no centro da capital pernambucana. E foi provavelmente por causa dessas anotações e dos encontros com os homens do centro que Tulio Carella foi preso e torturado pelo exército brasileiro. Esse percurso é pouco abordado na fortuna crítica dos seus livros, talvez pela quase inexistência de material de arquivo sobre a passagem do autor pelo Brasil, como também no seu país natal, a Argentina. Dessa passagem, nasceram *Roteiro Recifense*, coletânea de 96 poemas em espanhol, lançada em 1965, e *Orgia*, estruturada como romance e lançada em 1968. Nenhuma das duas obras foi, até hoje, publicada na Argentina.

Em nossas pesquisas, no Brasil e na Argentina, não foi encontrado o manuscrito de *Orgia*, que é citado na última obra da tetralogia memorialística de Hermilo Borba Filho, *Deus no Pasto* (1972). Esse manuscrito seria fundamental sobretudo para compreender a produção de *Orgia*, que manifestamente se coloca como uma escrita de si, indicando em seus subtítulos: *Primeiro Volume* e *Diário Primeiro*. Ter em mãos o manuscrito permitiria entender o processo de escrita das duas obras que têm a cidade do Recife como centro. Presumia-se a existência do diário, cujo original não se sabia onde encontrar, mas havia a hipótese, baseada na prisão de Carella, de que estivesse sob posse do estado brasileiro, ou em algum arquivo na Argentina, o que suscitou a necessidade de pesquisa naquele país.

Essa busca começou em arquivos públicos da Justiça pernambucana, com o intuito primeiro de se conseguir alguma cópia do “caderno-diário”, anexado a algum processo judicial. Possivelmente seus manuscritos foram descobertos e confiscados pelo exército brasileiro, enquanto Tulio Carella esteve preso. Não houve êxito nas idas ao Arquivo da Justiça de Pernambuco, tampouco no Fórum da Cidade do Recife. Acreditava-se que os originais ou uma cópia do diário poderia lançar luz sobre nossas hipóteses iniciais, além de confirmar o interesse da repressão em obras escritas por prisioneiros, encontradas em sua posse, no momento da prisão.

De um objetivo que parecia complexo, localizar nos arquivos públicos originais de um texto memorialístico, outros caminhos de pesquisa se descortinaram. E, embora até o fechamento da escrita deste artigo não se tenha notícias dos manuscritos do diário, restou somente a suspeita de que foi provavelmente queimado pelo exército brasileiro, pelo exército argentino, ou até mesmo pela família de Tulio Carella na Argentina, talvez pelo seu conteúdo fortemente homoerótico. A homofobia, existente naquele momento e acirrada posteriormente na ditadura, tanto brasileira quanto argentina, pode ter sido um fator de destruição do manuscrito. Carella alude à confecção de um diário em *Orgia*, sem especificar se aquele diário serviria de base ao livro. Usando o seu alter ego, Lucio Ginarte, menciona o diário ao menos em duas passagens. Em uma delas, diz que há muito tempo escreve um diário, “às vezes lacônico, outras prolixo. Nunca procurou as razões por que escreve esse diário” (Carella 1968: 53). Hermilo Borba Filho também faz uma referência direta ao diário, em *Deus no Pasto*, ao relatar uma conversa com o reitor da Universidade do Recife, ironicamente chamado “O Magnífico”, sobre o desaparecimento e prisão de Tulio Carella:

- Mas afinal o que aconteceu?

O Magnífico foi cortante:

- Não interessa, senhor professor. Basta que saibam que ele vivia caçando homens. E, o que é pior, negros. Era louco por negros. Seu diário está cheio de tipos asquerosos e de desenhos ainda mais nojentos.

-Como souberam? – Indaguei.

O Magnífico voltou à calma e disse tão baixo que mal o ouvi:

- Isso é um segredo.

- Cancelei o contrato e vou mandá-lo de volta ao seu país.

(Borba Filho 1972: 175)

A citação mostra o contexto em que Tulio Carella foi perseguido pela força repressiva do Estado e pelo racismo e pela homofobia de uma sociedade patriarcal heteronormativa marcada pelo racismo estrutural (Almeida 2018). O silenciamento/apagamento que ele sofreu parece estar associado, principalmente, ao caráter homoerótico encerrado em *Orgia*. As menções ao diário que estão em algumas passagens de *Orgia* nos fazem pensar que é plausível que ele tenha existido, e que tenha sido a matéria prima das duas obras dessa passagem pelo Recife, mas até a escrita deste artigo, não existe nenhuma pista nos arquivos brasileiros ou argentinos sobre

ele, embora este tenha sido, desde o início, nosso ponto de partida no caminho dos arquivos na nossa pesquisa.

Compreendemos que algumas obras podem nos servir de arquivo e indicar caminhos possíveis de pesquisa. Principalmente as que se assumem como escritas de si, memorialísticas, os diários e as escritas de testemunho como *Deus no Pasto*, última obra da tetralogia memorialística de Hermilo Borba Filho. Lançada quatro anos depois de *Orgia*, a obra de Borba Filho traz um relato relevante da fala do escritor argentino sobre a sua prisão e tortura, inclusive o único momento, em uma obra literária, em que a tortura sofrida por ele é detalhada:

-Veja minhas mãos.

Olhei-as: os nós dos dedos estavam escalavrados e como a casca ainda mal se formara podia-se ver a ferida de um castanho avermelhado. Ergui os olhos numa interrogação e ele explicou:

- Bateram demais nas minhas mãos para dar impressão de que havia reagido.

Arrancou os sapatos e eu também pude ver marcas na sola dos pés. Quando tirou a camisa constatei os grandes vergões que se cruzam nas suas costas largas flageladas por chicotes de couro.

-Eu ia saindo justamente para ir ao Departamento de Estrangeiro revalidar o visto do meu passaporte quando encostou um jipe com dois sujeitos na frente e um atrás. O da frente, ao lado do motorista, perguntou-me se eu me chamava Lucio Ginarte. Respondi-lhe que sim. Ele, então, me disse que eu precisava comparecer ao Departamento de Estrangeiros para uma questão de Rotina. Achei muito natural, admirado somente da coincidência. Tomei o jipe que, em vez de rodar para o lugar habitual, enveredou por outras ruas. Estranhei aquilo e interroguei os ocupantes do veículo, mas eles não me deram resposta, o motorista acelerando a marcha, alcançando a avenida da praia e aumentando ainda mais a velocidade. Afinal, chegamos a um barracão de madeira e eles, já de revólver em punho, mandaram que eu descesse, empurrando-me de porta adentro. Quando atingi um pequeno corredor, meio cambaleante por causa do empurrão, fui logo recebido por uma saraivada de socos na cabeça que me deixaram meio tonto. Amarraram-me as mãos às costas e levaram-me, com pancadas, para uma pequena sala onde estava sentado um homem. Fiquei de pé. Ele me interrogou durante mais de uma hora, querendo saber onde estavam as armas, quem eram meus companheiros, onde se dera o desembarque, de onde eu recebera o dinheiro. Tentei explicar que sou professor da EAGA, que nada sabia daquilo de armas, mas ele gritava para mim, dizendo que já se sabia de tudo, que viera informação do Rio para prender-me, a mim, um cubano grandalhão que vivia entregando pacotinhos no cais do porto a pessoas suspeitas, sempre nas sombras, nos encontros em pontes, cafés, mictórios, praças afastadas.

-Depois- disse Ginarte [...] jogaram-me num minúsculo quarto gradeado e eu fiquei a ver o dia correr, a noite chegar [...]. Noite avançada devo ter caído numa espécie de sonolência da qual fui despertado com um pontapé na bunda.

Despiram-me e surraram-me nas costas, nos pés e nos dedos das mãos com um cassetete de borracha. Ordenaram-me que me vestisse, puseram uma venda nos meus olhos, dois homens me agarraram pelos braços um em cada lado. Guiando-me, eu sentia então o estômago roncar de fome, as dores das pancadas iram se afastando cada vez mais. Empurraram-me para dentro de um automóvel e devemos ter andado uns vinte minutos. Eu ouvia o ronco dos aviões, muito próximo, por isso não foi difícil saber que estávamos num aeroporto... fizeram-me subir numa escadinha, senti o cheiro próprio de avião, naquela mistura de óleo e gasolina, de ambiente abafado, fazia um calor insuportável, nem sequer me ocorrera a ideia de afastar um pouco a venda já que estava com as mãos livres... logo estávamos na pista e levantando voo. As perguntas continuavam monótonas, sempre as mesmas, agora, porém com a ameaça de ser atirado do avião caso não desse respostas satisfatórias. Não sei quanto tempo voamos. Continuei com os olhos vendados ao abandonar o aparelho e a venda somente foi retirada quando novamente me atiraram para uma outra cela. Finalmente surgiu um carcereiro com pão e café e sem dificuldade informou-me que eu estava em uma ilha. Lá passei alguns dias dormindo no chão, cagando e mijando numa lata, sofrendo novos interrogatórios, mas felizmente sem ser surrado. Na minha cela havia um alto-falante onde me anunciavam as coisas mais incríveis, perturbando o meu sono agitado. Davam rajadas de metralhadora no pátio e anunciavam que mais um havia sido fuzilado.

(Borba Filho 1972: 177-182)

Essa passagem importante e corajosa de Hermilo Borba Filho, publicada no período mais violento da ditadura militar brasileira, único relato da tortura sofrida por Tulio Carella, nos serviu para entender não somente o que aconteceu com o escritor argentino, como também reconfigurou nosso olhar sobre suas duas obras. Muito da violência física e psicológica sofrida por ele estavam inscritas nos relatos de *Orgia* e em alguns poemas de *Roteiro recifense*, como no transcrito abaixo:

SEMENTE

A Jacqueline

Me deixaram uma ferida
larga, escura e dolorosa. Pior
para eles: quando sarar
começará o poema.

(Carella 1965: 14)⁴

4 SIMIENTE / A Jacqueline / Me han dejado una herida / ancha, oscura, dolorosa. Peor / para ellos: cuando sane / comenzará el poema. Tradução de Moacir Japearson Albuquerque Mendonça.

Em nossa pesquisa, surgiu, então, a hipótese de leitura do “arquivo do trauma” que o escritor sofreu, e um caminho possível e fundamental para pensar a memória em suas complexas relações com a história e a literatura, num contexto de grande repressão política, nesse caso específico do episódio da tortura em Borba Filho e, mais metaforicamente, em alguns poemas de *Roteiro Recifense*. Assim, aqui o arquivo se reconfigura e é pensado de forma menos ortodoxa, em livros memorialísticos e poemas, tão importantes como todo e qualquer arquivo, principalmente em uma pesquisa literária como a nossa que toca, muitas vezes, o terreno da historiografia.

O TECIDO DOS ARQUIVOS PÚBLICOS

A princípio, a busca pelo diário manuscrito tornou-se parte fundamental para a compreensão da obra de Tulio Carella, bem como para melhor entendimento de como sua obra, assumida posteriormente como gênero diário, foi forjada por uma memória individual e coletiva intimamente imbricadas ou confluentes: “Consideramos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade” (Halbwachs 2004: 54).

No caso de Tulio Carella e das duas obras resultantes de sua passagem pelo Brasil, a memória individual e a coletiva estão imbricadas em, pelo menos, duas frentes: literária (como se dá a escrita e reescrita de textos memorialísticos no âmbito da literatura de caráter ficcional), histórica e política (a história da Ditadura Militar Brasileira e suas violências).

Tínhamos ainda um problema adicional para a pesquisa: a inexistência de um arquivo pessoal do escritor no Brasil e na Argentina. Infelizmente, são raras as instituições brasileiras de preservação da memória e de espólios de escritores/as. Além da pesquisa em arquivos públicos, nos quais imergirmos em busca de documentos, tentamos entrevistar pessoas que tivessem convivido com Tulio Carella quando ele residiu em Recife. Dessa maneira, o que estaria fora do texto de Tulio Carella, acreditávamos importar sobremaneira, uma vez que “já passou o tempo em que, na busca de uma análise objetiva do texto, o estudioso da literatura se aquartelava na imanência do seu objeto, armado de pressupostos estruturalistas e placidamente refugiado no seu escritório doméstico, numa biblioteca universitária ou pública” (Marques 2015: 29).

No Arquivo Público de Pernambuco, encontramos uma pasta com o nome do autor argentino (imagem 1); nela estavam contidos alguns recortes de jornal sobre sua prisão e posterior soltura (imagens 2, 3 e 4); uma ficha que parecia ser policial com o endereço do escritor no Recife (imagem 5); uma fotografia (imagem 6) dele com seu nome escrito por extenso (provavelmente escrito por outra pessoa) (imagem 7); e um documento de uma campana (imagem 8 e 9). Com a visita aos arquivos públicos, a pesquisa ganhou outras cores e luzes, à medida que confrontamos aquilo que está no texto memorialístico com o material encontrado na pesquisa de campo cujo

arquivo, ainda que raro e rarefeito, é importante para elucidar aspectos de nossas hipóteses sobre as duas obras em torno das quais o estudo se desenvolve.

As reportagens que saíram nos jornais da época confirmam a prisão de Carella, um ano depois de sua chegada ao Brasil, mas não fazem nenhuma alusão à tortura sofrida, isso somente viria a ser citado em *Deus no Pasto*, como referido. Tulio Carella, de fato, foi preso e torturado, embora não tenhamos encontrado qualquer documento oficial referente à tortura. Dificilmente um funcionário do Estado registraria a admissão de tortura, uma grave ruptura com os direitos humanos, em um documento oficial. A prisão foi arbitrária pois confundiram Tulio Carella com um traficante de armas, e, posteriormente, com a descoberta dos seus diários, podendo ter havido alguma chantagem pelo conteúdo homoerótico contido neles. Isso nos fez perceber que o assumir da obra *Orgia*, com o título direto e sua própria assinatura, foi, com efeito, um ato transgressor por parte do argentino, publicada em 1968, o período maior de fechamento político imposto pela Ditadura Militar, ano do AI-5.

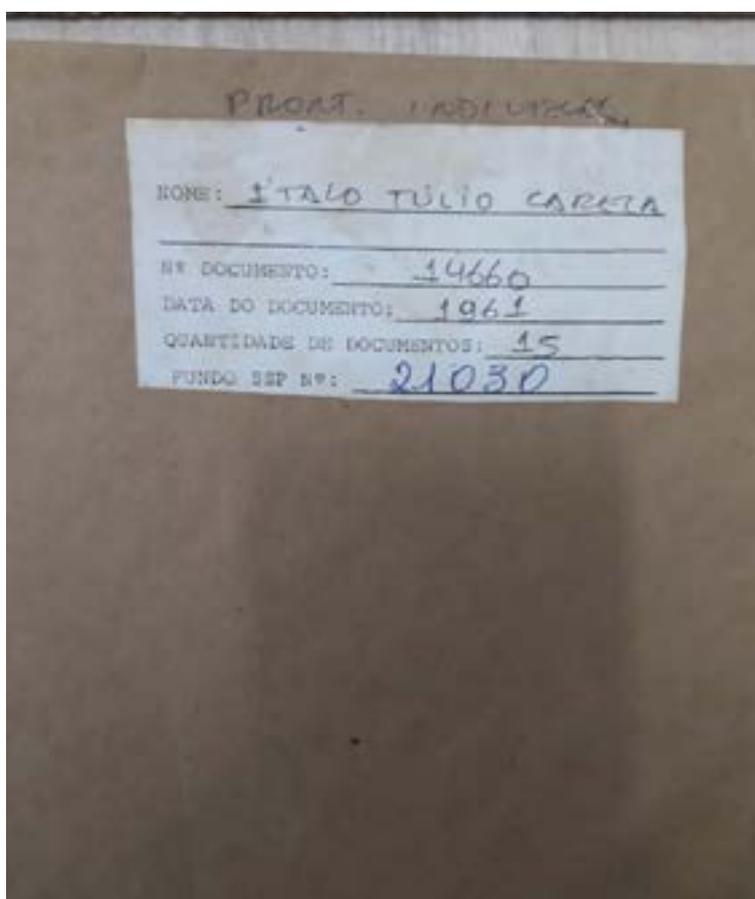


Imagem 1. Pasta com identificação de Italo Tulio Carella.
Fonte: Arquivo Público de Pernambuco (2019).



Imagem 2. Notícia a respeito da prisão de Tulio Carella.
Fonte: Arquivo Público de Pernambuco (2019).



Imagem 3. Notícia a respeito da prisão de Tulio Carella no jornal *Diário de Pernambuco*.
Fonte: Arquivo Público de Pernambuco (2019).



Imagem 4. Notícia no *Jornal do Commercio* sobre o posicionamento do exército brasileiro sobre prisão de Tulio Carella.

Fonte: Arquivo Público de Pernambuco (2019).

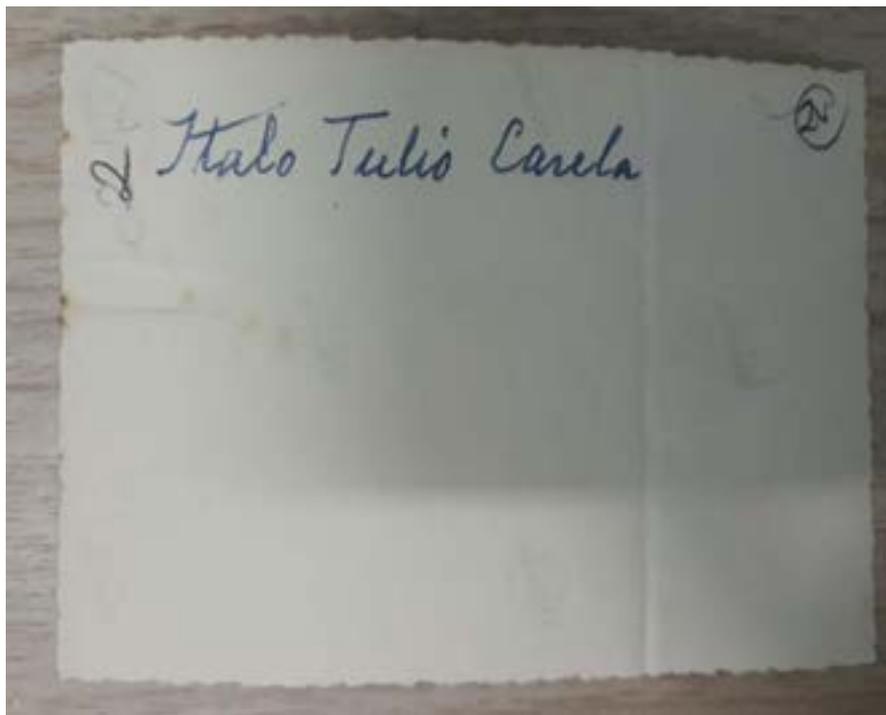


Imagem 7. Verso da fotografia com o nome completo de Tulio Carella
(grafado incorretamente Carela).
Fonte: Arquivo Público de Pernambuco (2019).

A partir desses documentos, houve muitos desdobramentos. Por ter assumido sua homossexualidade explicitamente no texto de *Orgia*, Tulio Carella amargou um ostracismo logo depois de seu livro chegar, por suas próprias mãos, a amigos e intelectuais argentinos (Machado 2018: 264). De 1968 até a sua morte, em 1979, sua produção caiu vertiginosamente, o que não é coincidência: Tulio Carella sofreu um silenciamento/ apagamento pelo que assumia e narrava em *Orgia*, um livro situado no tenuous limite entre ficção e confissão. *Roteiro Recifense*, que fora publicado três anos antes, não passou pelo olhar inquisidor destes mesmos censores *ex officio*, provavelmente por a carga homoerótica mostrar-se mais velada nos textos poéticos, com referências menos explícitas do que em *Orgia*.

Outro documento encontrado no Arquivo Público de Pernambuco trouxe uma questão importante: uma campana feita no dia 19 de abril de 1961 (imagens 8 e 9), no centro da cidade, mostra que Tulio Carella foi vigiado por pelo menos um policial, Bernardinho Pereira Xavier, denunciado no projeto “Brasil Nunca Mais” como repressor da Ditadura Civil Militar brasileira⁵. Tal documento mostra que, antes de 1964, já eram realizadas prisões arbitrárias e torturas e revela também que Tulio Carella se encontrara com um número considerável de homens no centro da cidade, em sucessivas buscas, provavelmente, de parceiros sexuais, o que, para alguns leitores de *Orgia* poderia parecer exagero do autor. Confrontando este documento com os fragmentos do livro, percebemos que as forças repressivas tiveram ciência dessas

5 Disponível em: http://bnmdigital.mpf.mp.br/docreader/DocReader.aspx?bib=rel_brasil&pagfis=1035.

experiências do autor nas ruas de Recife. Vale aqui, porém, destacar que a comprovação factual do relato não lhe acrescenta valor literário, mas traz para a discussão uma reflexão acerca da experiência homoerótica não muito comum em textos da época. O documento ao qual é feita alusão também é relevante para entendermos o processo de reelaboração da memória pessoal do escritor, em *Roteiro Recife* e, principalmente, em *Orgia*:

Augusto, o negro que se masturbou, me disse que esse cara bebeu o dinheiro que lhe dei para a viagem, e além do mais falou mal de mim.

Passo ao largo e sento-me à beira do rio. Otacílio não demora a chegar. Admira minha camisa, que lhe parece fina e elegante, gostaria de ter uma como presente. Insiste em que seu amigo me deseja e devo deitar-me com ele para que não sofra tanto.

Júlio me segue, me persegue, me fala, me mostra o pênis duro, e convida para Olinda, me olha implorando, Júlio em toda a parte.

Ivo, o menino do correio fala-me de sua vida: vive longe, com um irmãozinho, e seu pai indiferente, faz pouco caso deles. Descubro que minha roupa é facilmente identificável como estrangeira e exerce e influência decisiva nas pessoas.

Eis Porfírio, um rapaz sólido, moreno, largo, de feições irregulares, mas agradáveis. Há uma simpatia recíproca que se traduz na manipulação costumeira dos órgãos genitais. Caminhamos para uma rua escura, mas me propõe ir para trás de uma ponte: na zona portuária há lugares propícios e solitários.

Um rapazinho deixa um velho e vem para junto de mim, enquanto um negrinho delicioso suspira e arqueja do outro lado. Um terceiro me olha, me faz sinais com o braço para que o siga e, como não obedeco, volta, insiste. É harmonioso. Numa rua escura finge urinar para mostrar-me seu pênis, que é muito grande... chama-se Maurílio.

No Hotel. Passo por um negrinho que me procurava antes, na televidrino. Entro num vão da escada, ele volta e me acaricia. Chama-se Ciro e mora num bairro distante... Ciro se despede amavelmente; é provável que na terça-feira apareça no centro.

DOMINGO- No Mercado: compro dois cestos de fibra e folhas vegetais de que não preciso, mas que parecem bonitos. Quem os vende é um jovem Chamado Reginaldo [...]. Diz que Humberto, aquele que me convidou para uma macumba, não virá hoje. Reginaldo tem a pele acobreada, fresca e, como o outro, olhos em brasa. Convido-o para tomar um café e ele aceita.

(Carella 2011: 103-105)

O arquivo da passagem de Tulio Carella por Recife, que se descortinava nas reportagens de jornais da época, a ficha policial, o relato da campana e o relato presente no livro de memória de Hermilo Borba Filho, que se tornaria amigo do escritor argen-

tino, formou um importante suporte para a pesquisa, que se estreitaria, em especial, na compreensão da memória em duas escritas assumidamente de si.

Roteiro Recife se inscreve, nesse percurso de circulação e recepção, como uma obra rara: não existe nenhuma edição posterior à de 1965. Encontramos apenas dois exemplares em espaços públicos, no Brasil: um na biblioteca do Centro de Artes de Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, e outro na Biblioteca Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Tais investigações nos arquivos on-line das bibliotecas foram fundamentais para se perceber a inexistência das duas obras tanto aqui, no Brasil, quanto na Argentina, visto que nas duas principais bibliotecas públicas argentinas, a Biblioteca do Congresso Nacional e a Biblioteca Nacional Argentina, não existia nenhuma cópia de *Orgia* e apenas um exemplar de *Roteiro Recife* nesta última, que nos serviu de material para comparação com a cópia que tínhamos, o que corroborou nossa hipótese de que as obras, principalmente *Orgia*, sofreram o mesmo silenciamento/apagamento que o próprio escritor amargurou depois do seu lançamento em 1968, na Ditadura no Brasil e durante a ditadura argentina (1966-1976 e 1976-1983).

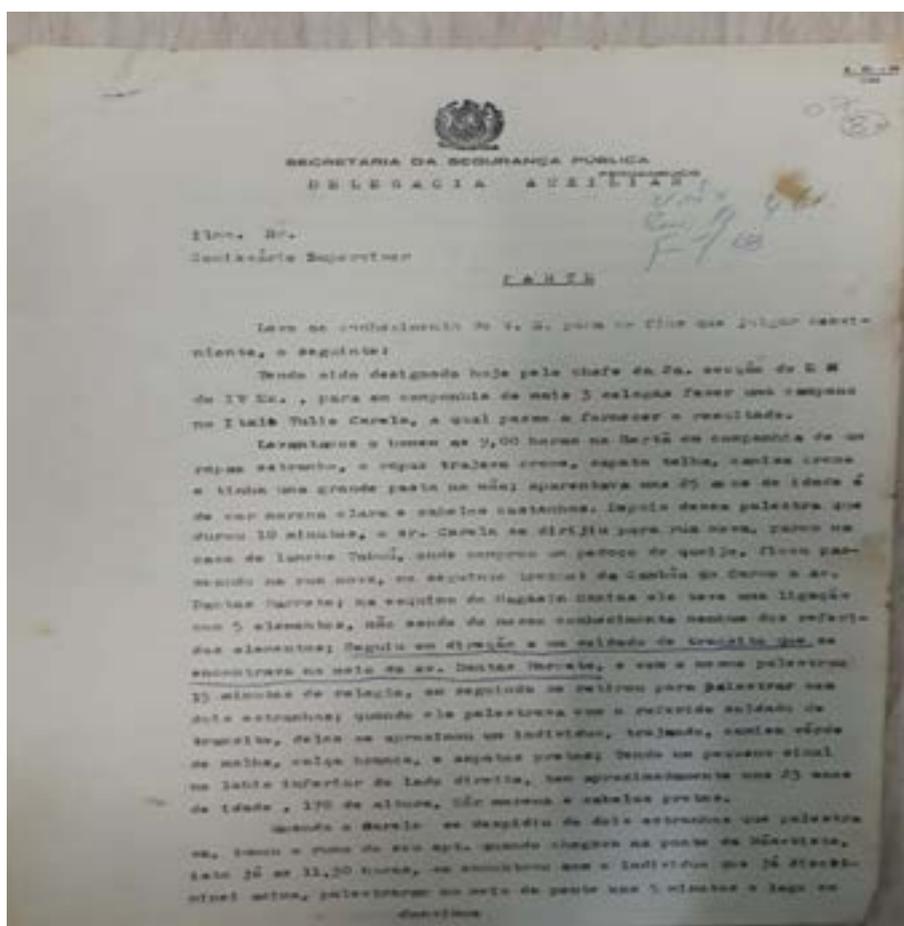


Imagem 8. Documento da campanha.
Fonte: Arquivo Público de Pernambuco (2019).

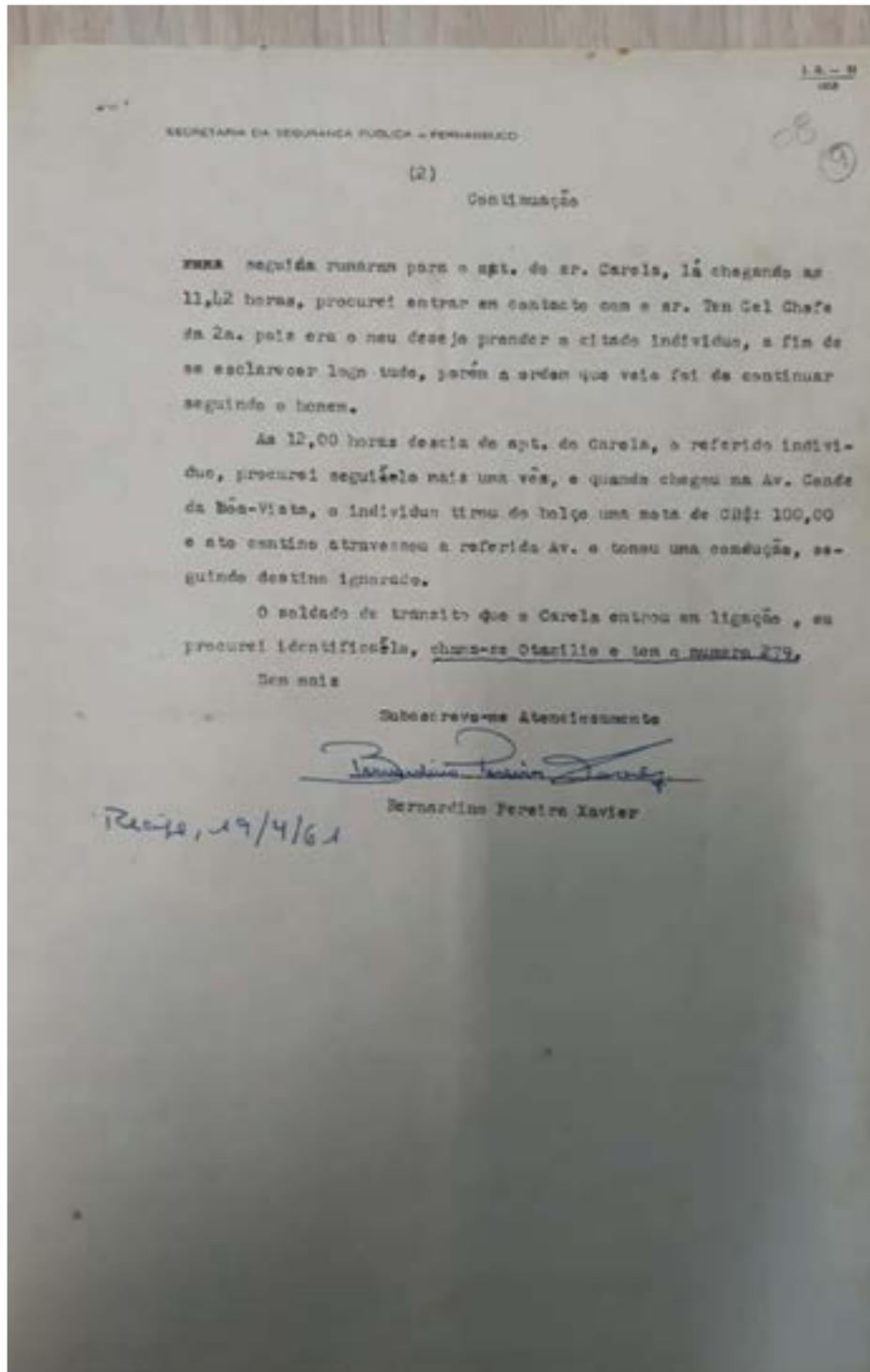


Imagem 9. Continuação do documento da campanha.
Fonte: Arquivo Público de Pernambuco (2019).

A REDE DA MEMÓRIA DOS OUTROS

Outra rota que se abriu na pesquisa foi a de buscar pessoas que tivessem conhecido ou convivido com Tulio Carella durante sua passagem por Recife, como mencionado. Pensou-se primeiro em Leda Alves, viúva de Hermilo Borba Filho, que foi atriz do seu grupo teatral e era, em 2020, secretária de Cultura do Recife. Tentamos uma entrevista presencial, nos dias que antecediam o carnaval daquele ano, mas não conseguimos. Logo veio a pandemia do corona vírus, e não foi possível realizar tal entrevista. Passados dois anos, insistimos em um diálogo por e-mail, por intermédio de sua secretária, mas nunca tivemos uma resposta positiva. Infelizmente, Leda Alves faleceu em 04 de novembro de 2023, sem termos conseguido entrevistá-la por e-mail ou pessoalmente.

Outro caminho possível dentro de uma pesquisa literária em arquivo é a busca em sites de genealogia. Eles podem abrir perspectivas e corroborar hipóteses, principalmente quando há escassez de material em arquivos públicos. Em uma rápida busca no *MyHeritage*, encontramos duas fichas de migração de Tulio Carella, ambas solicitadas no Consulado Brasileiro de Buenos Aires, que mostram que Tulio Carella esteve no Brasil antes da década de 60 (Imagem 10).

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Italo Tulio Carella
Admitido em território nacional em caráter **TEMPORARIO**
Nos termos do art. 7 letra A do Dec. Lei 7007 de 18-9-45
Lugar e data de nascimento Aires 14.3.1918
Nacionalidade argentina Estado civil casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Carmelo e Carmen Carella
Profissão Jornalista
Residência no país de origem Pasco 1870, Norte

SOBRE	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

C. Ident. 1950855 expedido Polícia desta Capital
Passaporte n. _____ na data 4.10.55

visto sob n. 2530

Tulio Carella ASSINATURA DO PORTADOS

Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires, 14 MAR 1960
Pelo Diretor *H. Viaccesi*

NOTA - Este documento não produz efeitos legais sem a rubrica original, emitida em duas vias em original.

Imagem 10. Ficha de migração de Italo Tulio Carella.
Fonte: *MyHeritage* (2023).

O documento também nos apresenta uma segunda solicitação com uma autorização, agora em caráter “temporário especial”, que está datada de 14 de março de 1960 (imagem 11). No registro, também consta um novo endereço e a data máxima de permanência no Brasil: 01 de abril de 1961, portanto um ano de validade. Considerando que Carella deve ter procurado renovar seu visto no começo de abril de 1961, pode-se inferir que a sua prisão teria acontecido naquele mês, provavelmente ainda na primeira quinzena, noticiada nos jornais, a partir do dia 19 de abril. O relato, por-

tanto, junta-se ao material de jornal e ao arquivo on-line para formar uma linha de tempo desde a campana até a soltura de Tulio Carella.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL 02004
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
Mod. 5. C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso: Italo Tulio Carella
Admitido em território nacional em caráter **TEMPORÁRIO ESPECIAL**
Nos termos do art. 8º letra B do Dec. Lei 7967 de 18-9-45
Lugar e data de nascimento: Capital Federal 14-5-1912
Nacionalidade: Argentina Estado civil: Casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe): Garmelo e Carmen
Profissão: Jornalista
Residência no país de origem: H. Irigoyen 1388 nesta.

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 1950855 expedido Polícia de Buenos Aires na data 25-9-1959
visado sob. n. 03275 Permanência até 1-4-1961

ASSINATURA DO PORTADOR: Tulio Carella

Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires, 14 MAR 1960
PELO CONSUL GERAL JOAQUIM I. A. MAC DOWELL

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada à aduana, pela autoridade consular, em duas vias em original.

Imagem 11. Ficha de permanência temporária no Brasil (Tulio Carella).
Fonte: MyHeritage (2023).

A possibilidade de um período de bolsa de doutorado sanduiche de um dos autores deste texto, Moacir Japearson, em Buenos Aires, entre novembro de 2023 e abril de 2024, abriu um importante caminho nos arquivos argentinos, corroborando com algumas hipóteses iniciais, como a de que Tulio Carella foi silenciado em seu país. Não há publicação, na Argentina, de *Orgia* ou *Roteiro Recifense*, e muito pouca ou quase nenhuma fortuna crítica existe sobre ele, dos anos 1950 até a sua morte, em 1979. Verificamos que Tulio Carella é um desconhecido em seu país, com poucos estudos sobre sua obra extensa, importante não somente para a literatura, mas também para os estudos sociais argentinos, com títulos como *Picaresca Porteña* (1966a) e *Tango, Mito y Esencia* (1966b).

OS FIOS DESTE TECIDO E SEU FIM

O arquivo, pensado não só como espaço de guarda de memória, mas também como possibilidade de ampliação de uma pesquisa literária, alicerçada na memória coletiva e pessoal, é fundamental para o entendimento de algumas obras, sobretudo quando o seu autor que, no nosso caso, também é personagem, sofre um processo de silenciamento e apagamento, pensados meticulosamente por um sistema opressor que estava vigorando na sua contemporaneidade. Em um mundo no qual a

materialidade histórica ainda prescindia da digitalização, o mecanismo de apagamento pôde acontecer com a destruição de arquivos que poderiam explicar tudo ou quase tudo, portanto, um caminho possível para isso seria destruir e apagar os rastros da feitura de obras que não deveriam existir aos olhos do sistema censor.

A pesquisa da passagem de Tulio Carella por Recife foi um emaranhado de labirintos e pontas que pareciam não se unir. A princípio, tínhamos algumas pessoas que conviveram com Tulio Carella e que, apesar da insistência em uma entrevista, não nos responderam. O enigma da existência dos tais cadernos de anotações do argentino, que eram seus diários, parecia estar cada vez mais distante, diante da negativa nos arquivos da justiça pernambucana. De sorte, o Arquivo Público de Pernambuco que, enquanto escrevemos esse artigo passa por problemas de conservação, nos foi uma luz literal em um túnel cada vez mais fechado e escuro.

Esse pouco, mas significativo, material, permeou o centro nervoso da nossa pesquisa, mostrou lugares e caminhos possíveis e “desengessou” o entendimento de como a memória deste autor fomentou seu processo de escrita. A colaboração dos arquivos, pensados não somente na nossa pesquisa, mas também em tantas outras que prescindem deles e que apresentam arquivos mais organizados sistematicamente, portanto como outras experiências diferentes da nossa, pode ser algo fundamental no processo investigativo, e que, às vezes, pode não ter uma concretude final, como se dá com nosso estudo. A pergunta “Para que saber aquilo que está externo ao texto” nos gritou um par de vezes, e move pedras teóricas no estudo das escritas de si, porque esse balizamento que os arquivos podem, muitas vezes surpreendentemente, lançar sobre o rumo das pesquisas em literatura, e em outras áreas das humanidades, é desejado e foi assim que se deu no nosso processo de pesquisa.

A própria natureza deste nosso processo, duas obras pouco estudadas, calcadas na memória pessoal e podemos dizer também coletiva, de um autor silenciado e apagado no Brasil e no seu país natal, a Argentina, pedia que algo abrisse esses espaços de pensamento e reflexão. E assim se deu com os arquivos, com o material de outras obras que tocavam no assunto e pela materialidade das ruas, os lugares por onde Tulio Carella frequentou, habitou e foi o moinho condutor também de sua percepção da cidade e dos tipos que a habitavam, numa *flânerie* intensa, marcada pela experiência homoerótica, desdobrando-se em múltiplas reflexões.

A possibilidade de pesquisa na cidade na qual Tulio Carella habitou por muitos anos, Buenos Aires, dentro da bolsa da Capes PDSE, também possibilitou novas perspectivas, não somente no que tange o contato com obras do autor que não teríamos contato estando no Brasil, mas também de percorrer locais nos quais Tulio Carella provavelmente habitou e o local onde está sepultado, em uma simplicidade que mostra que o silenciamento/apagamento que sofreu está materializado em sua lápide e no pouco ou nenhum material de pesquisa sobre ele em seu país natal.

O fio que percorremos parte dele até agora, por vezes, serpenteia por áreas que parecem estranhas ao pesquisador em literatura, mas fazem parte de um amplo

território navegável, que, na complexidade de uma pesquisa, pode ser como uma candeia que já clareou bastante, mas que ainda tem muito óleo para queimar.

OBRAS CITADAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BORBA FILHO, Hermilo. *Um cavalheiro da segunda decadência: Deus no pasto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

CARELLA, Tulio. *Orgia: diário primeiro*. Rio de Janeiro: José Alvaro, 1968.

CARELLA, Tulio. *Orgia: os diários de Tulio Carella*, Recife, 1960. São Paulo: Opera Prima, 2011.

CARELLA, Tulio. *Picaresca porteña*. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, 1966a.

CARELLA, Tulio. *Roteiro Recifense*. Recife: Imprensa Universitária, 1965.

CARELLA, Tulio. *Tango, mito y esencia*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1966b.

Exército confirma a prisão de Carella e desmente a de Gregório. *Jornal do Commercio*, Recife, 27 de abril de 1961.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

MACHADO, Alvaro. Introdução. A trajetória de uma confissão. Tulio Carella. *Orgia*. São Paulo: Opera Prima, 2011.

MACHADO, Alvaro. Quando dramaturgos se encontram: Federico García lorca, Tulio Carella e Hermilo Borba Filho, entre Buenos Aires e o Recife. *Repertório*, Salvador, ano 21, n. 31, p. 260-279, 2018.

MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teoria, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

PROFESSOR da U.R não desapareceu: foi preso e está incomunicável. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 7-26, 26 de abril de 1961.

IV exército confirma furo do diário e esclarece prisão do prof. Carella. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 7-27, 27 de abril de 1961.